

Silêncio na redação – a saúde mental de jornalistas na abordagem da comunicação de riscos

Silence in the newsroom – journalist’s mental health from the risk communication approach

Silencio en la redacción – la salud mental de los periodistas en el abordaje de la comunicación de riesgo

Cilene Victor^{1,a}

cilenevictor@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0002-4899-6287>

¹ Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

^a Doutorado em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo.

RESUMO

Desde a década de 1990, o psiquiatra sul-africano Anthony Feinstein tem abordado o tema da saúde mental de jornalistas na cobertura de tragédias humanitárias, com foco no Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) e em *moral injury* (lesão moral), definido como uma ferida na alma. Em 2020, primeiro ano da pandemia da covid-19, o artigo “The covid reporters are not okay. Extremely not okay”, da jovem jornalista Olivia Messer, trabalhando *on-line*, chamou a atenção não apenas para o tema da saúde mental dos repórteres, como também para a invisibilidade do assunto. Este artigo objetiva investigar como a comunicação de riscos pode contribuir para descortinar e enfrentar os riscos à saúde mental de jornalistas no Brasil, especialmente no contexto das redações híbridas e da plataformização do jornalismo, um dos campos que compõem o referencial teórico em seu cruzamento com a comunicação de riscos e a psiquiatria. A metodologia contempla a pesquisa bibliográfica nessas três áreas, a plataformização do jornalismo, a comunicação de riscos e a psiquiatria, a partir da conexão entre elas, e da análise de conteúdo, de base quantitativa, da cobertura do assunto pelos jornais Folha de S.Paulo e O Globo. Os resultados apontam a urgência da retirada do tema da invisibilidade midiática e social e confirmam a potencialidade da comunicação de riscos para o seu enfrentamento.

Palavras-chave: Comunicação de riscos; Percepção de riscos; *Moral injury* (lesão moral) e TEPT; Jornalistas e saúde mental; Plataformização.

ABSTRACT

Since the 1990s, South African psychiatrist Anthony Feinstein has addressed the issue of the mental health of journalists covering humanitarian tragedies, focusing on Post-traumatic Stress Disorder (PTSD) and moral injury, defined as a wound in the soul. In 2020, the first year of the covid-19 pandemic, the article “The covid reporters are not okay. Extremely not okay”, by young journalist Olivia Messer, working online,

drew attention not only to the issue of reporters' mental health, but also to the invisibility of the issue. This article aims to investigate how risk communication can contribute to uncover and address the risks to the mental health of journalists in Brazil, especially in the context of hybrid newsrooms and the platformization of journalism, one of the fields that make up the theoretical framework in its intersection with risk communication and psychiatry. The methodology includes bibliographic research in these three areas, platformization of journalism, risk communication and psychiatry, from the connection between them, and content analysis, of quantitative basis, of the coverage of the subject by Folha de S.Paulo and O Globo newspapers. The results point to the urgency of removing this issue of media and social invisibility and recognising the potential of risk communication to face it.

Keywords: Risk communication; Risk perception; Moral injury and PTSD; Journalists and mental health; Platformization.

RESUMEN

Desde la década de 1990, el psiquiatra sudafricano Anthony Feinstein ha abordado la cuestión de la salud mental de los periodistas que cubren tragedias humanitarias, centrándose en el Trastorno de Estrés Post-traumático (TEPT) y el *moral injury* (el daño moral), definidos como una herida en el alma. En 2020, el primer año de la pandemia de covid-19, el artículo "The covid reporters are not okay. Extremely not okay", de la joven periodista Olivia Messer, que trabaja en línea, llamó la atención no sólo sobre la cuestión de la salud mental de los periodistas, sino también sobre la invisibilidad del tema. Este artículo pretende investigar cómo la comunicación de riesgo puede contribuir a descubrir y abordar los riesgos para la salud mental de los periodistas en Brasil, especialmente en el contexto de las redacciones híbridas y la plataforma del periodismo, uno de los campos que conforman el marco teórico en su intersección con la comunicación de riesgo y la psiquiatría. La metodología contempla la investigación bibliográfica en estas tres áreas, plataforma del periodismo, comunicación de riesgo y la psiquiatría, a partir de la conexión entre ellas, y el análisis de contenido, de base cuantitativa, de la cobertura del tema por los periódicos Folha de S.Paulo y O Globo. Los resultados apuntan a la urgencia de sacar el tema de la invisibilidad mediática y social y confirman la potencialidad de la comunicación de riesgos para su confrontación.

Palabras clave: Comunicación de riesgos; Percepción del riesgo; *Moral injury* (daño moral) y TEPT; Periodistas y salud mental; Plataforma.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Contribuição dos autores:

Concepção e desenho do estudo: Cilene Victor.
Aquisição, análise ou interpretação dos dados: Cilene Victor.
Redação do manuscrito: Cilene Victor.
Revisão crítica do conteúdo intelectual: Cilene Victor.

Declaração de conflito de interesses: não há.

Fontes de financiamento: não houve.

Considerações éticas: não há.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 19 jul. 2022 | aceito: 23 dez. 2022 | publicado: 17 mar. 2023.

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

INTRODUÇÃO

Adotado em várias partes do mundo e intensificado durante a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), o trabalho remoto, com suas facilidades e benefícios, mas também riscos, tem sido objeto de discussão nas diversas esferas – das agências da Organização das Nações Unidas (ONU) às entidades de classe e aos grupos de pesquisa.

No caso específico do jornalismo, objeto central deste estudo, a pandemia fez com que veículos e conglomerados de mídia fechassem temporariamente suas redações e passassem a atuar remotamente. Para isso, novas linguagens, técnicas e formatos foram experimentados com o propósito de garantir a atividade jornalística, uma das mais importantes no contexto de emergências sanitárias, sem, no entanto, colocar em risco a saúde e a segurança dos profissionais da mídia.

Com uma estimativa de quase 2 mil jornalistas mortos por complicações da covid-19 em 94 países, 295 deles no Brasil, observa-se que, além da fragilidade das ações e das medidas para proteger os jornalistas, tendo o trabalho remoto como uma das principais estratégias, novos riscos estavam sendo construídos silenciosamente e socialmente, ao se pressionar a saúde mental dos profissionais da mídia. Mais comumente associada à cobertura de eventos traumáticos, como guerras, conflitos violentos e desastres, a saúde mental de jornalistas é hoje um dos maiores desafios da profissão, especialmente no momento em que veículos de várias partes do mundo pensam em adotar a redação híbrida no já chamado pós-pandemia. Somam-se a isso as mudanças no modelo de negócio do jornalismo e o processo de plataformização que não apenas forçam a presença dos veículos em plataformas, como têm aumentado a exposição de jornalistas nesses ambientes, seja para contatar suas fontes ou divulgar suas reportagens, constituindo-se como mais uma pressão e uma fonte de riscos à saúde mental desses profissionais.

Tema que será discutido adiante, os riscos são naturalmente dinâmicos, surgem de diversas fontes e podem ser desdobramentos de outros riscos não controlados. Nesse campo, é necessário superar a ideia de que os ‘riscos são incertezas mensuráveis’, substituindo-a pelo entendimento de que os riscos são intrínsecos não apenas aos fenômenos e eventos que têm pautado as diversas instituições sociais em todo o mundo, como guerras, conflitos armados, desastres, mudanças climáticas e terrorismo, como também os acontecimentos do cotidiano que tendem a ser normalizados. É nesse contexto da normalização que a plataformização do jornalismo se faz presente, em especial, a exposição dos profissionais da mídia em plataformas como o Instagram e o Twitter e a dependência deles em relação aos recursos que essas ‘infraestruturas digitais programáveis’ – na acepção de Poell, Nieborg e van Dijck (2020) – têm proporcionado às novas práticas jornalísticas que ultrapassam as fronteiras das redações.

Fundamentado no campo da comunicação de riscos, este artigo tem como objeto de estudo a saúde mental de jornalistas no contexto da hibridização das redações e da plataformização do jornalismo. Importante salientar que, embora desproporcional ao seu impacto, a saúde mental dos profissionais da mídia tem sido objeto de discussão em algumas partes do mundo, guiada sobretudo pela cobertura de grandes tragédias humanitárias e, mais recentemente, pela covid-19. No Brasil, no entanto, o tema ainda segue na opacidade, o que revela a urgência de pesquisas sobre o assunto. Nesse sentido, este artigo se justifica pela necessidade de provocar mais estudos no campo da comunicação de riscos, com foco na saúde mental dos jornalistas em cenários cotidianos, como o do novo modelo de negócios do jornalismo, as novas práticas de produção de notícias e as precariedades que envolvem essas mudanças, resultando em mais pressão e estresse para esses profissionais.

Com o objetivo de investigar como a comunicação de riscos pode contribuir para descortinar e enfrentar o problema de saúde mental enfrentado pelos jornalistas no país, o artigo promove um diálogo entre esse campo de estudo, as investigações no campo da plataformização, a psiquiatria, pautada nas averiguações

sobre o Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) e *moral injury*, definido como uma ferida na alma daqueles que testemunham acontecimentos que transgridem a sua bússola moral. Na psiquiatria, o referencial teórico contempla o trabalho do psiquiatra sul-africano Anthony Feinstein, uma das maiores referências no assunto, e no jornalismo, o de Bruce Shapiro, diretor do Dart Center for Journalism and Trauma, uma iniciativa da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Columbia. Nos últimos anos, os estudos de Feinstein e Shapiro têm contribuído com centros de estudos e instituições de classe na elaboração de guias e manuais para auxiliar jornalistas e empregadores a lidar com o tema da saúde mental.

No campo da comunicação de riscos, que não pode ser dissociada dos estudos da percepção de riscos, recorre-se aos trabalhos de Sandman, Victor e Slovic, cujas contribuições podem ser o ponto de partida para a construção de uma cultura de risco, como será discutido. No campo da plataformização, destacam-se os trabalhos de Poell, Nieborg, van Dijck, Duffy e Grohmann.

Guiado pela hipótese de que no Brasil o tema da saúde mental dos jornalistas ainda segue na opacidade midiática e social, ou seja, tem sido ainda mais subestimado, diferentemente do que já se vê em outros países, o artigo recorre à comunicação de riscos para retirar esse assunto da invisibilidade – uma das condições primárias para promover o seu enfrentamento. Para verificar a hipótese e alcançar o objetivo central aqui proposto, a metodologia contempla a pesquisa bibliográfica nos campos do referencial teórico e a análise de conteúdo, de base quantitativa, fundamentada em Lycarião e Sampaio (2021), da cobertura jornalística do tema.

Esse procedimento metodológico está dividido em três fases da pesquisa. Como será explicado detalhadamente adiante, a primeira fase compreendeu o levantamento de matérias que abordaram a comunicação de riscos e a percepção de riscos na pandemia. O período de interesse foi de março de 2020 a junho de 2021, e os veículos selecionados foram Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo. A segunda fase repetiu o mesmo objeto de busca, a comunicação e a percepção de riscos na pandemia, no período de junho de 2021 a junho de 2022, reduzindo para dois veículos, Folha de S.Paulo e O Globo. A terceira fase do estudo teve como foco a cobertura da imprensa sobre a saúde mental de jornalistas, mantendo os mesmos veículos e período da segunda fase. É importante ressaltar que foi escolhido o período da pandemia da covid-19 para abordar o tema da saúde mental dos jornalistas, na perspectiva da comunicação de riscos, porque a temática dos riscos estava mais presente na agenda da mídia, da política e da sociedade.

Para equacionar um dilema ético acerca do uso de *softwares* de raspagem de dados (*data scraping*) não públicos, como reportagens publicadas por veículos comerciais, foi feito o levantamento manual, disponível para assinantes, nos portais dos veículos da análise. O levantamento com as palavras-chave de cada etapa da pesquisa resultou em 1.325 matérias na primeira etapa, 288 na segunda e 125 na terceira. Após esse processo, foi usado o RStudio para a mineração das matérias (*data mining*) já baixadas no computador desta pesquisadora. A mineração reduziu o total de matérias para 44 na primeira etapa, 16 na segunda e apenas duas na terceira, mas que não correspondem ao objeto deste estudo em sua essência.

Importante registrar que a pesquisa apresentada neste artigo tem fundamentado a concepção de um projeto de investigação de grande abrangência, de autoria desta pesquisadora e de investigadores brasileiros e estrangeiros das áreas do jornalismo, da psiquiatria, da psicologia, da neurociência, da geografia, da filosofia e das relações internacionais, com foco na saúde mental de jornalistas, trabalhadores humanitários e lideranças comunitárias da América Latina e do Oriente Médio.

REDAÇÕES REMOTAS – A SAÚDE MENTAL E OS RISCOS SOBREPOSTOS

O psiquiatra sul-africano Anthony Feinstein, uma das maiores referências no campo da saúde mental, é considerado o primeiro especialista a investigar em profundidade a saúde mental de jornalistas com atuação na cobertura de eventos traumáticos, como guerras, conflitos armados e desastres. Feinstein

tem ampliado seus estudos e contribuído sobremaneira para chamar a atenção para o adoecimento ou a sobrecarga emocional dos profissionais da mídia em diversos contextos, excedendo à ideia de que somente os jornalistas em zonas de guerra estão expostos aos riscos de um quadro de Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) e de *moral injury*, traduzido como uma ferida na alma provocada pelo contraste entre a bússola moral dos jornalistas e aquilo que eles estão testemunhando em suas coberturas (VICTOR, 2021).

Em suas palestras, o psiquiatra faz questão de mencionar o primeiro caso que ele atendeu em seu consultório, em 1999. Uma jornalista, com experiência na cobertura de conflitos na África Ocidental, procurou o médico em sua clínica por causa de um colapso desencadeado por um quadro de angústia que a abalava emocionalmente. De volta ao Canadá para o tratamento, a jornalista, como contam Feinstein e Selva, revelou a ele que o problema dela tinha se mantido em segredo e que ela nunca havia comentado com os seus editores porque poderia ser cortada de missões futuras, ou seja, ela poderia não ser mais escalada para aquele tipo de cobertura (FEINSTEIN; SELVA, 2020).

A partir dos estudos e das contribuições sobre o quadro de saúde mental dos jornalistas no *front* de guerras e conflitos, Feinstein decidiu em 2015 iniciar uma nova linha investigativa com jornalistas que estavam cobrindo a migração forçada na Europa, tendo como pano de fundo o acentuado fluxo migratório de sírios para aquele continente (VICTOR, 2021). O resultado foi o estudo *The emotional toll on journalists covering the refugee crisis*, sob sua coordenação e de Hanna Storm (2017), do Instituto Reuters para o Estudo de Jornalismo, e com ele a constatação de que jornalistas não estavam predominantemente afetados pelo TEPT, mas pelo fenômeno de *moral injury* (lesão moral), que Feinstein (GIOVANNI, 2020) define como *wound on the soul* (ferida na alma) ou *bruise on the soul* (hematoma na alma), nas palavras do jornalista David Wood (2016).

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus em 2020, não demorou para que Feinstein fosse convidado a conduzir um estudo, inicialmente com uma amostra de 73 jornalistas de diversas partes do mundo, sobre as condições de trabalho e o estado emocional desses profissionais que estavam atuando durante a pandemia. O estudo, iniciado em junho de 2020, teve o retorno de 63% das respostas. Desse total, 70% disseram ter experimentado algum tipo de sofrimento psicológico (OSMANN; SELVA; FEINSTEIN, 2021).

Enquanto os primeiros estudos sobre as condições de trabalho e a saúde mental dos jornalistas, nos primeiros meses da pandemia, ocupavam a comunidade científica e as entidades internacionais de proteção aos jornalistas, alguns jornalistas resolveram falar abertamente sobre o tema. Entre eles estava a jovem repórter Olivia Messer, que, em maio de 2021, após pedir demissão do jornal *The Daily Beast*, publicou um artigo em forma de desabafo e denúncia: “The covid reporters are not okay. Extremely not okay” (“Os repórteres cobrindo a covid não estão bem. Não estão nada bem”, tradução nossa) (VICTOR, 2021). Messer se referiu à imprensa como despreparada e afirmou de maneira categórica que a mídia estava perdendo uma geração de jornalistas para o desespero, o trauma e a lesão moral (MESSER, 2021).

Em entrevista a Messer, Bruce Shapiro, diretor-executivo do Dart Center for Journalism and Trauma, professor adjunto da Faculdade de Jornalismo da Universidade de Columbia, Estados Unidos, e outra grande referência no campo da saúde mental de jornalistas, disse que a pandemia ampliou as fontes de estresse, o medo, as incertezas e as tensões em uma profissão que ele já reconhece como fértil para o desenvolvimento de *moral injury* (VICTOR, 2021).

Para Shapiro, o reconhecimento crescente dos jornalistas em relação aos riscos e traumas aos quais estão expostos “foi impulsionado por uma geração mais jovem de repórteres que estão reconhecendo os impactos sobre eles, que são mais alfabetizados sobre trauma e têm menos estigma para pedir ajuda” (MESSER, 2021).

De um lado, o artigo de Messer provocava seus colegas de profissão e empresas de mídia a olharem atentamente para o problema; do outro, os estudos e alertas de Feinstein e Shapiro, por meio do apoio de entidades de classe e de outras instituições sociais interessadas, eram apresentados e discutidos em mesas-redondas, *workshops*, treinamentos, seminários e em manuais e guias para os profissionais e os veículos.

No Brasil, pistas importantes sobre o tema da saúde dos jornalistas no contexto da pandemia e conectado com as condições de trabalho vieram de um estudo divulgado em junho de 2020 na página da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ). Conduzido pela Federação Internacional de Jornalistas (FIJ), o estudo recebeu respostas de 1.308 jornalistas de 77 países e territórios (IFJ, 2020), dos quais 289 são profissionais atuantes no Brasil. Aplicada no país pela FENAJ, entre 26 e 28 de abril, a pesquisa da FIJ levantou que desses 289 jornalistas, 53,08% estavam com vínculo empregatício e 46,92% eram freelancers. Do total de respondentes no país, 177 (61,25%) disseram ter vivenciado aumento de ansiedade e estresse (FENAJ, 2020).

No mesmo ano, a Fenaj apoiou a pesquisa Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia da covid-19... 1 ano e 500 mil mortes depois, coordenada pelo Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT), da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Sob a coordenação da professora Roseli Figaro e o apoio de 25 instituições, a pesquisa, realizada um ano após a da FIJ, entre 5 e 30 de abril de 2021, recebeu respostas de 1.018 participantes, com validação de 994 respondentes (FIGARO, 2021).

Quanto à avaliação do trabalho em *home office* durante a pandemia, a pesquisa identificou que 434 respondentes identificaram aspectos negativos do trabalho remoto, mas também vantagens. Já 227 avaliaram positivamente o *home office*, sem necessariamente especificar as razões, e 171 o avaliaram negativamente, com menção ao desgaste e à exaustão física e mental (FIGARO, 2021).

Todos os elementos relativos às condições do trabalho em *home office* aqui elencados, ora apontados como positivos, ora como negativos pressionaram a saúde dos trabalhadores. Desgaste, cansaço e exaustão física e mental foram decisivos para a qualificação do *home office* como negativo ou como uma atividade contraditória. Estresse e ansiedade foram as condições de adoecimento mais citadas pelos respondentes que ainda apontaram problemas de concentração da atenção como uma dificuldade desencadeada pela nova forma de trabalhar. (FIGARO, 2021, p. 76)

Em uma referência a riscos, o relatório aponta:

Apesar de o *home office* ter sido adotado como solução para a gestão do risco do trabalho, sendo assim reconhecido pelos comunicadores como uma maneira segura de trabalhar, isso não fez dele automaticamente uma atividade saudável. Pelo contrário, mesmo os comunicadores que reconheceram a necessidade e a segurança do *home office*, neste momento particular, admitiram que ele trouxe uma parcela de sofrimento para o trabalho, o qual pode ter consequências emocionais a longo prazo nas vidas de trabalho dos comunicadores. (FIGARO, 2021, p. 77)

Essa constatação da relação entre o trabalho remoto e os novos riscos aos jornalistas tomou força durante a pandemia, mas sem visibilidade na mídia brasileira, como será apresentado adiante, – afinal, esses riscos podem se misturar às paisagens do cotidiano desses profissionais e não ser nem mesmo percebidos. Ainda em dezembro de 2020, um artigo assinado por Jessica Davies (2020), editora do *site* Worklife, intitulado ‘It’s a silent epidemic’: mental health in newsrooms needs more attention, também chamou a atenção para a conexão entre saúde mental e trabalho remoto.

Somando-se a essa constatação do adoecimento dos jornalistas, segundo o Press Emblem Campaign, desde o começo da pandemia, em março de 2020, aproximadamente 2 mil jornalistas perderam a vida. Acredita-se que somente em 2021 foram 1.400 mortes, uma média mensal de 116 óbitos. O Brasil e a Índia aparecem com os piores índices, 295 e 279 mortes, respectivamente. A entidade acredita que

os números estão subdimensionados, uma vez que as causas de mortes de jornalistas às vezes não são especificadas (PEC, 2022).

No Brasil, pesquisas sobre a saúde mental dos jornalistas, especialmente conectadas com as condições de trabalho desses profissionais, ainda que escassas, têm trazido pistas importantes para fomentar e provocar investigações nesse campo. O especialista em psicologia e psicodinâmica do trabalho José Roberto Heloani, que desde 2002 pesquisa os efeitos do processo de reestruturação do mercado de trabalho nas relações sociais e profissionais dos jornalistas, publicou em 2003 a pesquisa Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista, que contou com a colaboração de 44 jornalistas de diversas áreas. Heloani (2003) dividiu esses profissionais em dois grupos. Com o primeiro, formado por 22 jornalistas, sendo 13 homens e 9 mulheres, o especialista realizou entrevista em profundidade. Já o segundo grupo, com o mesmo número, sendo 15 mulheres e 7 homens, foi submetido à avaliação do nível de estresse, usando para isso a mesma metodologia aplicada no primeiro grupo.

Ao analisar a qualidade de vida dos jornalistas no contexto de uma nova dinâmica produtiva e, portanto, também de novas práticas político-econômicas e culturais, o estudo de Heloani observou a atividade jornalística como uma possível propagadora de estresse e de doenças ocupacionais.

O mais preocupante na análise das entrevistas é um claro indicador de que as práticas organizacionais trouxeram, como efeito colateral danoso, não apenas a corrosão de certos valores básicos, mas, principalmente, a cisão da ideia de qualidade de vida e excelência no trabalho. Assim, a felicidade é sempre postergada, e, em decorrência disso, também o tempo para família, para os filhos, para o lazer e para o amor. Alguns chegam a alegar que fora do ambiente de trabalho só fazem o imprescindível, faltando tempo para namorar. (HELOANI, 2003, p. 79)

Para Heloani, os impactos das grandes transformações no ambiente e nas condições de trabalho estão materializados nas ausências da vivência e da identificação coletiva, no acirramento da competição, que o autor associa aos processos de reestruturação produtiva e aos enxugamentos das redações, e na ética dos profissionais no exercício do jornalismo (HELOANI, 2003).

Reforçando a discussão sobre o sofrimento no mundo do trabalho dos jornalistas, Lelo (2019) observa que em face das significativas reconfigurações da cultura do fazer jornalístico, especialmente na última década, as fontes de reconhecimento no trabalho e o sofrimento ético também representam riscos à saúde mental e física dos profissionais de comunicação.

Entre abril e setembro de 2016, no escopo do estudo Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional, Lelo entrevistou 15 jornalistas, com idades entre 24 e 34 anos, sediados no estado de São Paulo e com atuação em plataformas digitais de alcance nacional. Entre os achados do estudo, destaca-se o sofrimento ético como uma experiência do assédio moral, algo que o autor chamou de persistente e histórico na imprensa brasileira, “muito embora tenha recebido atenção insuficiente da literatura especializada (LELO, 2019, p. 2).

Com base nos achados de Lelo (2019), é possível afirmar que o debate e os estudos sobre esse tema não estão acompanhando o avanço do sofrimento dos jornalistas no mundo do trabalho, que sofrem com a deterioração da saúde mental, com as relações coletivas e a sua própria identidade profissional em um cenário de constatare mudança. Vale ressaltar que os 15 entrevistados mencionaram o descrédito em relação às associações de classe (LELO, 2019).

A pesquisa de Lelo com jornalistas atuando em plataformas digitais pode nortear o desenvolvimento de estudos futuros que busquem conexões entre a saúde mental dos jornalistas e a plataformização, definida por Poell, Nieborg e van Dijck “como a penetração de infraestruturas, processos econômicos e estruturas governamentais de plataformas em diferentes setores econômicos e esferas da vida” (2020, p. 5). Isso porque, como discutido pelos autores, a plataformização reorganiza as práticas e os imaginários culturais,

incluindo nesse campo a produção jornalística. Conforme já mencionado, é imperativo considerar o avanço da plataformação do jornalismo e as mudanças na produção e circulação das notícias, que aumentam a presença dos jornalistas em plataformas e a interação direta com as fontes e o público, como mais uma possibilidade de risco à saúde mental desses profissionais.

O tema deste artigo dialoga com a discussão proposta por Grohmann (2020) acerca da plataformação do trabalho e do trabalho mediado por plataformas, uma vez que se trata de um processo que tem impactado, entre outros setores, o jornalismo. O autor substitui a expressão ou a metáfora “uberização” por “plataformação do trabalho”, que deve ser pensada “como a dependência que trabalhadores e consumidores passam a ter das plataformas digitais” (GROHMANN, 2020, p. 112). Extrapolando a definição do trabalho de plataforma como uma atividade mediada, organizada e governada por meio das plataformas digitais, Grohmann resgata o entendimento de Fuchs e Sandoval (2014 *apud* GROHMANN, 2020) de que todas as atividades profissionais e de trabalho, na atualidade, têm uma faceta digital.

Se todas as atividades profissionais, em certa medida, têm essa faceta regida e definida pelas plataformas, aqui encontramos uma das brechas importantes para a conexão entre saúde mental dos jornalistas e o processo de plataformação.

Nessa linha, o estudo conduzido pelos pesquisadores Jorge Duarte, Valéria Rivoire e Ângelo Augusto Ribeiro, Mídias sociais *on-line* e prática jornalística: um estudo em Santa Catarina, já trazia achados importantes para essa conexão. Os autores, que não fazem uso da palavra plataforma ou plataformação, realizaram entrevista em profundidade com 42 jornalistas em atuação em veículos profissionais de Santa Catarina para identificar como eles faziam uso das redes sociais no exercício da profissão. O estudo ressalta que, apesar de as empresas definirem suas próprias normas de conduta, “o uso das mídias sociais nos processos produtivos geralmente depende de iniciativa individual” (DUARTE; RIVOIRE; RIBEIRO, 2016, p. 2). Por outro lado, eles acentuam que essas mudanças no fazer jornalístico, mediadas pelas mídias sociais, acabam sendo consolidadas e contempladas pelas empresas do ramo.

Os achados desse estudo, aos quais se somam pesquisas anteriores, realizadas no Distrito Federal e em Santa Catarina, em 2012, mostram como os jornalistas têm empregado e explorado as plataformas *on-line* no processo de produção jornalística, ao mesmo tempo que sinalizam os riscos iminentes à sua saúde mental. Para os jornalistas entrevistados no estudo, as mídias sociais facilitam a aproximação direta com a fonte de informação e agilizam o trabalho, que vai da pauta à divulgação do trabalho concluído. “A grande maioria dos entrevistados informa realizar monitoramento intenso que parece alcançar 10 horas diárias” (DUARTE; RIVOIRE; RIBEIRO, 2016, p. 6). Entre as plataformas mais citadas estão Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, YouTube, Google+, Periscope e Medium.

Isso mostra que os jornalistas, e os seus veículos, têm redesenhado a atividade profissional pela lógica das plataformas, nas quais eles têm encontrado a pauta, as fontes e o consumidor dessas notícias. Dos 41 entrevistados, 32 disseram disponibilizar as reportagens após sua publicação, tanto nas *fanpages* dos veículos para os quais trabalham, como em suas próprias páginas pessoais, ou seja, fazem das plataformas uma vitrine para visibilidade e divulgação de seus nomes e trabalhos.

Essa prática vai na contramão dos alertas sobre os riscos à saúde mental de jornalistas nas mídias sociais, em sua maioria, decorrentes dos impactos da desinformação, do assédio, da fadiga e do esgotamento. Ao tratar desse assunto, a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) remete a uma notícia de 2019, publicada no journalism.co.uk, um portal de notícias e conteúdo para jornalistas criado por John Thompson em 1999. A matéria *How social media impacts mental health in journalists*, de Kyle Bessey, acentua que a presença dos jornalistas nas plataformas já não é mais uma questão de *hobby*, mas de habilidade jornalística. Diante da impossibilidade profissional de os profissionais da mídia cancelarem suas

contas nas plataformas de mídias sociais, Bessey aborda a importância da precaução e da atenção aos riscos à saúde mental decorrentes dessa exposição (BESSEY, 2019).

A matéria cita o alerta da psicóloga Jelena Kecmanovic, que pesquisa o impacto das mídias sociais na saúde mental. Para a psicóloga, os jornalistas passaram a receber em tempo real o *feedback* de seu trabalho, o que pode ser mensurado com o número de cliques e comentários. Essa métrica, por sua vez, como explica a especialista, tem relação direta com o sucesso na carreira, o emprego e a sobrevivência profissional. Para ela, todos os efeitos psicológicos negativos das mídias sociais são maiores para os profissionais da imprensa (BESSEY, 2019). E como essa exposição nas plataformas das mídias sociais não é mais uma questão de escolha, os riscos a elas associados devem ser amplamente discutidos e enfrentados. Como será apresentado mais adiante, um alerta da chefia do jornal The New York Times a respeito do excesso de exposição dos jornalistas do veículo no Twitter pode ser um ponto de partida.

Poell, Nieborg e Duffy (2022), em seu mais recente estudo sobre plataforma e produção cultural, lembram que nas últimas décadas os jornalistas têm enfrentado um turbilhão de desafios profissionais. No contexto da plataformização, esses desafios vão da perda de receita publicitária pelos veículos nos quais esses profissionais trabalham à crescente concorrência com *blogs*, contas no Twitter e outros modos de jornalismo cidadão. Os autores lembram ainda que todas essas transformações na indústria da notícia coincidem com uma considerável perda de emprego. E os jornalistas que estão empregados têm de se adaptar ao que chamaram de ‘lógica polivalente’ que demanda que as notícias sejam produzidas 24 horas por dia, 7 dias por semana e que ainda circulem amplamente em plataformas como Facebook, Twitter, Snapchat e Instagram (POELL; NIEBORG; DUFFY, 2021).

Somada às pressões internas no ambiente das redações, decorrentes das mudanças impostas pelos modelos de negócio no campo do jornalismo, que, como vimos, têm resultado no adoecimento dos jornalistas, observa-se a crescente ameaça externa a esses profissionais, desenhando uma conjuntura que não é apenas do universo profissional, mas, sobretudo, de âmbito político.

Criada em 2017, a plataforma Voces del Sur (VdS), que atua em parceria com instituições de diversos países da América Latina e do Caribe, entre elas a Abraji, monitora e divulga em relatórios anuais as violações às liberdades de expressão em 13 países da região: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Peru, Uruguai, Venezuela (VDS, 2020).

Na edição de 2020 do relatório Autoritarismo, desinformação e precariedade na América Latina, conhecido como ‘Relatório sombra’, é revelado um total de 3.350 alertas de violações verificadas pela VdS e pelas instituições parceiras. A VdS usa 12 indicadores para o monitoramento da violência contra jornalistas: assassinato, sequestro, desaparecimento forçado, detenção arbitrária, tortura, agressões e ataques, discurso estigmatizante, restrições de acesso à informação, processos judiciais criminais e civis, uso abusivo do poder estatal, normas contrárias aos padrões internacionais e restrições na internet.

Dois países apresentaram piora no que diz respeito às liberdades fundamentais, Peru e Brasil, este último com um aumento de 222% no número total de ocorrências, com a maior alta nos alertas de agressões e ataques (489%), processos judiciais, criminais e cíveis (388%) e detenção arbitrárias (200%) (VDS, 2020). Não isolado de outros países da região, mas com números mais alarmantes, o Estado brasileiro foi responsável por 74% de todos os alertas, contra a média de 59% entre os 13 países monitorados. “Políticos e autoridades do Judiciário seguem o exemplo do presidente, usando os tribunais para silenciar jornalistas; os processos judiciais criminais e civis contra a mídia e jornalistas aumentaram de 8 para 39 casos em 2020, ou 388%” (VDS, 2020, p. 41).

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA COMUNICAÇÃO DE RISCOS

Desde o fim da década de 1980, quando os primeiros estudos e as práticas da comunicação de riscos se tornaram uma realidade, não só a comunicação sofreu grandes transformações, como os riscos se tornaram muito mais do que incertezas mensuráveis. Em 1986, a comunicação de riscos foi o tema de um encontro promovido pela Agência de Proteção Ambiental (Environmental Protection Agency (EPA), em inglês). Intitulado O papel do governo na comunicação de riscos à saúde, o evento apresentou a seguinte definição de comunicação de riscos:

[...] um processo interativo de troca de informação e opiniões entre indivíduos, grupos e instituições. Ele envolve múltiplas mensagens sobre a natureza do risco e mensagens não estritamente sobre riscos que expressem preocupações, opiniões ou reações às mensagens de riscos ou a planos legais e institucionais de gerenciamento de riscos. (STERN; FINEBERG, 1996, p. 27)

Muito embora essa definição tenha balizado os estudos, as ações e os programas nesse campo, novos desafios se impõem à comunicação de riscos, entre eles, o entendimento de que os riscos não são intrínsecos somente aos fenômenos e acontecimentos estranhos ao cotidiano, como as guerras, os conflitos armados, os desastres, as mudanças climáticas, o terrorismo e as epidemias e pandemias. Mais do que antes, os riscos se tornaram intrínsecos à vida cotidiana, e essa não parece ser mais uma percepção apenas de acadêmicos, especialistas e instituições competentes. Trata-se de uma percepção daqueles que estão mais expostos a determinados riscos, surgindo daí a necessidade de uma abordagem que contemple a cultura do risco.

Quando comparamos acontecimentos estranhos ao cotidiano de uma comunidade, cidade, país ou região, ou seja, que impactaram a chamada normalidade dessa localidade, com aqueles que passaram a fazer parte da sua paisagem, é possível observar a formação de uma nova natureza dos riscos que, por sua vez, dá as pistas para se conhecer as características da cultura do risco. É imperativo mencionar que o uso da expressão ‘cultura de risco’, neste artigo, não se refere ao conceito empregado no ambiente das corporações, definido como a capacidade dos membros de uma organização de promover habilidades para auxiliá-los na identificação e avaliação dos riscos para, assim, fomentar discussões que fundamentem as tomadas de decisão (PROTIVITI; RMA, 2013-2014).

Há um pouco mais de uma década, esta pesquisadora concebeu o primeiro projeto, de abrangência nacional, que visava promover a cultura de riscos de desastres no país. Embora o projeto tenha mantido o termo ‘cultura de riscos’, houve resistência por parte das instituições envolvidas na iniciativa, por acreditarem que a expressão correta ou mais adequada seria “cultura da prevenção”. Ainda que a prevenção seja uma das mais importantes bases da ciência e do gerenciamento dos riscos, todos os esforços para preveni-los não são capazes de inibir a ocorrência dos fenômenos que eles precedem, exigindo uma abordagem efetivamente multifacetada dos riscos e das fontes receptoras.

Considerando o contexto no qual está inserido o objeto de estudo deste artigo, a saúde mental de jornalistas com ênfase no trabalho remoto, percebe-se que uma cultura de risco poderia revisitar as contribuições dos estudos das principais referências nos campos da comunicação e da percepção de riscos, especialmente as de Peter Sandman e Paul Slovic. Um dos pioneiros no estudo, Peter Sandman concebeu quatro paradigmas para uma melhor compreensão da comunicação de riscos:

- Riscos elevados *versus* apatia: às vezes as pessoas estão apáticas diante de um risco sério e precisam ser alertadas.
- Riscos baixos *versus* preocupação elevada: às vezes as pessoas estão incomodadas diante de um risco pequeno e precisam ser tranquilizadas.

- Riscos elevados e preocupação elevada: às vezes as pessoas estão incomodadas diante de um risco sério e precisam ser guiadas.
- Riscos baixos *versus* apatia: às vezes as pessoas estão apáticas diante de um risco pequeno e não precisam de atenção (SANDMAN, 2010, tradução nossa).

O paradigma de Sandman tem auxiliado o gerenciamento de acontecimentos que rompem com a normalidade de uma dada comunidade. A pandemia seria um acontecimento com essas características, mas, no contexto desta pesquisa, é necessário pensar em uma comunicação que possa lidar com os riscos desencadeados por outros riscos ou pelo problema já consumado.

Quanto às contribuições de Paul Slovic (1993), é crucial o seu trabalho que associa as características dos riscos à maneira como eles serão percebidos. Segundo o autor, um risco natural é percebido diferentemente de um risco tecnológico, um risco previsível será percebido de maneira diferente de um risco não previsível, assim como os riscos impostos e aqueles voluntários. Os riscos podem ainda ser superestimados ou subestimados, de acordo com os interesses da população a eles exposta. Para esta pesquisa, vários cruzamentos seriam possíveis, mas para isso é necessária a realização de estudos específicos, visando entender se os jornalistas e os veículos de imprensa estão subestimando os riscos altos ou esses riscos, embora altos, estão sendo naturalmente subestimados.

Foi visto que em cenários de grandes tensões e complexidades, como os de guerras, conflitos, desastres e o da pandemia, a comunicação de riscos tem o papel de reduzir o pânico, o medo e a desconfiança da sociedade nas informações concebidas e disseminadas pelas autoridades competentes, pela imprensa e pelas mídias sociais (VICTOR, 2018). Do mesmo modo, também cabe a ela o papel social de horizontalizar as tomadas de decisão acerca dos riscos, à medida que confere transparência às tomadas de decisão e contempla as múltiplas vozes nas ações de mitigação dos impactos da pandemia no modo de fazer jornalismo.

Mas observa-se que a comunicação de riscos demanda atenção não apenas pela importância de um debate epistemológico, mas principalmente pela urgência de definições mais claras do papel que as instituições e os atores sociais devem exercer no gerenciamento de um risco. Nesse caso, não ficou claro, ao longo de um pouco mais de dois anos de pandemia, como será observado na análise de conteúdo, de base quantitativa, o papel da academia, das instituições de classe – como os sindicatos de jornalistas e a Fenaj –, na comunicação de riscos associados à saúde mental de jornalistas. Do mesmo modo, não há clareza do papel desses próprios profissionais na discussão que diz respeito ao seu bem-estar e segurança.

As informações sobre os riscos, incluindo as decisões políticas e outras questões direta ou indiretamente relacionadas ao assunto, são, na sua maioria, disseminadas pelos meios de comunicação, especialmente pela imprensa, e, atualmente, reproduzidas e potencializadas pelas mídias sociais. Para que o acesso a essas informações seja considerado o primeiro passo para a formação de comunidades resilientes, ele não deve ser dissociado de um processo maior, que é a comunicação de riscos (BRADLEY; MCFARLAND; CLARKE, 2016). E, aqui, temos um dos principais desafios, uma vez que as informações sobre os riscos à saúde mental de jornalistas deveriam ser disseminadas sobretudo pela imprensa, visando, entre outros, tornar os jornalistas resilientes e preparados para lidar com os riscos. Cabe salientar que resiliência e adaptação não significam aceitação dos riscos ou das condições de trabalho, mas, sim, o entendimento de que os riscos fazem parte do cotidiano da profissão e, como vimos, podem ser sobrepostos.

Nessa perspectiva, seria necessária a adoção do modelo de comunicação de riscos que Victor (2014) elaborou para o cenário dos desastres e que compreende quatro outros modelos interdependentes e interconectados: Comunicação de Riscos de Desastres (CRD) Intrainstitucional; Interinstitucional; Midiático; e Comunitário/Direto. A partir desse modelo, o tema da saúde mental de jornalistas no Brasil poderia ser descortinado, uma vez que para sair da opacidade não haveria apenas a mídia, ou melhor, a

imprensa para desempenhar esse papel. Ressalta-se que a disseminação de informações e dados sobre o problema é condição primária para a sua discussão e, por conseguinte, para o seu enfrentamento.

Seguindo nesse modelo de comunicação de riscos (CR), o CR Intrainstitucional teria à frente os próprios veículos de imprensa. Eles mesmo assumiriam o papel social de falar abertamente sobre a saúde mental de jornalistas como um risco elevado e percebido, contribuindo assim para o gerenciamento do problema e evitando o que temos observado: a sua ampliação social. No modelo de CR Interinstitucional, as escolas de jornalismo, as entidades de classe e os veículos de imprensa estariam aptos a compartilhar o que já se sabe sobre o estado da arte da saúde mental de jornalistas e a sua relação com o trabalho remoto, por exemplo. No modelo CRD Midiático, que depende do poder de onipresença, alcance e credibilidade da mídia, a saúde mental dos jornalistas poderia ter sido contemplada nas propagandas dos veículos, quando anunciaram o fechamento temporário das suas redações e que os profissionais atuavam ‘com segurança’ em *home office*. Um pouco mais delicado, nesse modelo, os veículos teriam de analisar cuidadosamente a afirmação que na ciência dos riscos virou uma máxima: alguns temas, como a saúde mental dos jornalistas, não poderiam ser divulgados, pois provocariam pânico e outros impactos. Isso não significa dizer que jornalistas com TEPT ou *moral injury* devam ser expostos. Aqui, o foco estaria nos riscos à saúde mental desses profissionais. Por último, mas não exatamente como uma sequência, está o modelo CR Comunitário/Direto, em que os jornalistas, embora presentes em todos os outros modelos, assumiriam o protagonismo da comunicação dos riscos aos quais estão expostos. Nesse modelo, a comunicação de riscos depende da participação ativa dos jornalistas na interação com a principal instituição direta ou indiretamente ligada ao risco, no caso, o seu próprio empregador.

Embora os riscos à saúde mental da população como um dos desdobramentos da pandemia fossem altos e percebidos, uma vez que foram cobertos pelos dois veículos – Folha de S.Paulo e O Globo –, como será visto adiante, os riscos aos jornalistas foram ignorados ou subestimados pelos veículos brasileiros. Na ciência do risco, isso pode ser traduzido como uma forma de subestimar um risco que não se pretende gerenciar por razões e interesses das principais instituições responsáveis pelo seu gerenciamento, neste caso, os veículos de comunicação. Nessa linha, os riscos não gerenciados tendem a se transformar em acontecimentos, ocorrências ou tragédias que geram outros riscos, dando origem a um problema cíclico. Essa constatação sugere a urgência de pesquisas futuras sobre a saúde mental de jornalistas no contexto do trabalho remoto e da plataformização, tanto com foco nos veículos da grande imprensa, que têm incorporado a atuação de seus jornalistas nas plataformas digitais como parte de uma prática profissional, como nos veículos independentes. Isso porque, como vimos, a atividade jornalística vem enfrentando profundas mudanças que, por sua vez, demandam cada vez mais dos jornalistas, expondo-os a novas fontes de pressão, estresse e exaustão.

A VISIBILIDADE DOS RISCOS AOS JORNALISTAS – ANÁLISE QUANTITATIVA

Como abordado no tópico anterior, a comunicação e a percepção de riscos são cruciais para o gerenciamento dos riscos à saúde mental dos jornalistas. Conferir visibilidade a esses riscos contribui para promover o debate entre os diversos setores da sociedade – como a academia, as instituições de classe, os veículos e os conglomerados de mídia e os próprios jornalistas.

Para investigar como esse assunto tem ocupado espaço na mídia, foi realizada a análise de conteúdo, de base quantitativa, no período marcado pela irrupção da pandemia da covid-19, ou seja, de março de 2020 a junho de 2022. A escolha do período foi fundamentada na ideia de que, ao abordar o tema da pandemia, haveria maiores chances de encontrar referências à comunicação e à percepção de riscos para, mais tarde, cruzá-las com o tema da saúde mental.

Assim, a análise quantitativa foi realizada em três etapas. Na chamada Parte I, o foco foi na ciência dos riscos, mais especificamente na referência à comunicação e à percepção de riscos nas matérias sobre a pandemia publicadas nos jornais Folha de S.Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo, entre março de 2020 e junho de 2021.

Por tratar-se de uma pandemia, presumia-se que, entre as diversas abordagens, uma pontuaria o problema na perspectiva da ciência dos riscos, evidenciando que sem as devidas percepção e comunicação dos riscos, sabidamente intrínsecos ao fenômeno da pandemia, a avaliação e o gerenciamento desses riscos poderiam comprometer o seu enfrentamento, incluindo a sobreposição de riscos, como ocorreu no caso da insegurança alimentar no país. Nessa primeira etapa, foi realizado levantamento nos arquivos dos três jornais, serviço disponível para assinantes, usando no motor de busca as palavras-chave “pandemia e comunicação de riscos” e “pandemia e percepção de riscos”. Atenta ao dilema ética do uso de algoritmo, esse levantamento manual substituiu a raspagem de dados (*data scraping*) realizada por algoritmo programado em RStudio.

O levantamento nos três veículos resultou em um total de 1.325 matérias, número que cai drasticamente na mineração dos dados (*data mining*) realizada por meio do RStudio e também manualmente, visando garantir dupla checagem e reduzir possíveis erros da inteligência artificial. A mineração resultou em 44 matérias que, ainda assim, não tinham relação direta com o tema, ou seja, a cobertura da pandemia na perspectiva da ciência dos riscos, em especial, a comunicação e a percepção de riscos.

Importante destacar que na raspagem manual o buscador levanta todas as matérias em que aparecem as palavras ‘pandemia, comunicação e riscos’ e ‘pandemia, percepção e riscos’, mas não necessariamente na abordagem de que a comunicação e a percepção de riscos deveriam nortear o gerenciamento e os desdobramentos dos riscos decorrentes da pandemia. São exemplos de matérias que falam da pandemia, da comunicação do governo, das campanhas de comunicação, da comunicação oficial, da percepção de que o mundo está enfrentando os mesmos desafios, dos riscos de atrasar a vacinação, dos riscos de falta de vacina etc. Observa-se que as palavras ‘riscos’, ‘comunicação’ e ‘percepção’ aparecem como palavras avulsas, não como conceitos de uma ciência que, como já mencionado, teria grandes contribuições para o gerenciamento dos riscos aos jornalistas decorrentes da pandemia.

Tabela 1 – Parte I da pesquisa – Riscos: veículos, período e palavras-chave

Pesquisa ciência dos riscos Parte I – de março de 2020 a junho de 2021				
Dados da raspagem			Dados da mineração	
Veículo	Palavras-chave	Total matérias	Palavras-chave	Total matérias
Folha de S.Paulo	Pandemia e comunicação de riscos Pandemia e percepção de riscos	176	comunicação de riscos percepção de riscos	11
O Estado de S. Paulo/ Estadão	Pandemia e comunicação de riscos Pandemia e percepção de riscos	598	comunicação de riscos percepção de riscos	18
O Globo	Pandemia e comunicação de riscos Pandemia e percepção de riscos	551	comunicação de riscos percepção de riscos	15

Fonte: Elaborado pela autora.

Na mineração, foram encontradas quatro matérias no Estadão que abordam o tema mais diretamente. Uma delas, intitulada A comunicação como instrumento para reafirmar a vida ou desencadear a morte, com assinatura da Redação, traz a seguinte discussão:

De forma contundente estamos constatando que tanto a falta de comunicação quanto a comunicação enviesada pela ausência de evidências científicas podem matar. Quando não há campanha para a prevenção de doenças, por exemplo, ou seja, quando os órgãos responsáveis não informam e orientam a população acerca de um risco para a saúde, a falta dessa comunicação mata. E completa com essa passagem: “A ausência da comunicação, neste exemplo, é arriscada, já que a atitude isenta pode servir a um ou outro propósito. Quem gostaria de arriscar, com seu silêncio, a contribuir com a morte?” (MOURA, 2021).

Na Folha de S.Paulo, uma das matérias a abordar a comunicação foi uma republicação da BBC News Brasil. Na matéria Coronavírus: como convencer seus familiares que a quarentena é necessária, publicada em 18 de abril de 2020, foi ouvida Leslie Martin, especialista em comunicação, psicóloga em saúde da Universidade La Sierra, na Califórnia, e coautora do Manual de Oxford sobre comunicação em saúde, mudança de comportamento e adesão a tratamentos. Ela acentuou: Quanto mais pudermos tornar essas mensagens pessoais, melhor. Diga para a pessoa pensar nos netos ou nos pais e se perguntar: “Quero correr algum risco adicional que possa prejudicá-las?”. Quanto mais pessoal a mensagem, maior a repercussão, diz Martin. (HENRIQUES, 2020)

E completou com referência à comunicação direta:

É aqui que a comunicação de massa de órgãos de saúde pública pode ser menos eficaz do que o boca a boca. “As pessoas podem se tornar líderes dentro de sua própria família e grupos sociais, para dar um bom exemplo”, diz Martin. “É difícil ser o primeiro, mas esse é um presente realmente valioso que podemos dar aos outros, ser esse exemplo positivo” (HENRIQUES, 2020)

A análise da especialista Leslie Martin é fundamental para o tema da saúde mental de jornalistas no contexto das redações remotas ou híbridas, como será discutido adiante. Isso porque, embora não tenha mencionado o termo, ela resgata a essência da comunicação de riscos no modelo Comunitário/Direto. No contexto da saúde mental dos jornalistas que atuam em modo remoto, observar como tem sido a troca entre esses profissionais, as suas impressões, as angústias, os medos e as incertezas pode contribuir para o gerenciamento desse risco.

Outro exemplo na Folha de S.Paulo foi o artigo Por que só vacinar não resolve: a ansiedade pela normalidade sem volta, de autoria de Camila de Mario, doutora em ciências sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professora de sociologia do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), da Universidade Candido Mendes (UCAM). Na passagem a seguir, a pesquisadora aborda o papel da comunicação na gestão de crise sanitária:

Produzem uma enxurrada de informações, orientações e dados à disposição dos indivíduos – atualmente ao alcance das mãos nos aplicativos dos celulares – para conduzi-los no cuidado de si e do coletivo. Tudo cuidadosamente calculado, planejado e comunicado. Uma gestão bem-sucedida de uma crise social e sanitária provocada por uma pandemia passa necessariamente pela capacidade de comunicação dos governos, com produção e disseminação de informação voltada para o esclarecimento e orientação do comportamento das pessoas. (MARIO, 2021)

Quanto ao jornal O Globo, destaca-se a matéria SP vai unificar rastreamento de pessoas que tiveram contato com infectados por coronavírus, de 9 de julho de 2020, que menciona, ainda que brevemente, o tema da percepção de riscos nesse trecho da fala da infectologista e virologista Nancy Bellei, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp): “Quase todos os dias, 30% de todos os funcionários que coletam exame, que avalio na universidade, testam positivo. Muitos deles nem têm contato direto com pacientes, mas é porque a percepção de riscos muitas vezes é relaxada” (MARTINS, 2020).

Na segunda fase, Parte II da pesquisa, também com foco na comunicação e na percepção de riscos, foram consideradas as matérias que cruzaram a pandemia e a ciência dos riscos publicadas, dessa vez,

apenas nos jornais Folha de S.Paulo e O Globo, entre junho de 2021 e junho de 2022. Para essa etapa e a seguinte, optou-se por dois veículos que, embora de abrangência nacional, estão sediados em unidades federativas distintas, São Paulo, no caso da Folha, e Rio de Janeiro, no caso d'O Globo.

Para evitar repetição no recorte da análise, serão destacados dois pontos na apresentação dos resultados da segunda fase da pesquisa; o primeiro diz respeito ao aumento do número de matérias na Folha, que subiu de 176, publicadas ao longo de 16 meses, de março de 2020 a junho de 2021, para 197 em 13 meses, de junho de 2021 a junho de 2022. O segundo é referente à queda brusca de matérias levantadas n'O Globo, 551 na primeira fase, contra 91, na segunda fase.

Na mineração, também houve pequeno aumento no levantamento da Folha, 11 na primeira fase e 13 na segunda, e queda n'O Globo, com 15 na primeira e 3 na segunda, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 2 – Parte II da pesquisa – Riscos: veículos, período e palavras-chave

Pesquisa riscos Parte II – de junho de 2021 a junho de 2022				
Dados da raspagem			Dados da mineração	
Veículo	Palavras-chave	Total	Palavras-chave	Total
Folha de S.Paulo	Pandemia e comunicação de riscos	197	comunicação de riscos	13
	Pandemia e percepção de riscos		percepção de riscos	
O Globo	Pandemia e comunicação de riscos	91	comunicação de riscos	3
	Pandemia e percepção de riscos		percepção de riscos	

Fonte: Elaborado pela autora.

Na terceira e última etapa da análise de conteúdo, de base quantitativa, o foco foi na saúde mental dos jornalistas, especialmente no Transtorno do Estresse Pós-traumático (TEPT) e em *moral injury*. Importante salientar que, embora o período da análise seja ainda o da pandemia, de junho de 2021 a junho de 2022, estrategicamente a palavra 'pandemia' foi retirada da raspagem manual. Essa estratégia foi adotada para identificar se os dois veículos (Folha de S.Paulo e O Globo) abordariam a saúde mental dos jornalistas, quando ela já poderia ser categorizada como risco elevado e percebido. Isso porque nas matérias filtradas na raspagem, o tema da saúde mental esteve presente em todas elas. Nelas, os jornalistas e os seus respectivos veículos deram espaço, ainda que timidamente, à discussão sobre os riscos à saúde mental em decorrência do isolamento social, do trabalho e das aulas remotas, da sobrecarga de trabalho, das crianças em casa, da falta de contato com a família e os amigos, mas com outros personagens e não com os próprios jornalistas que também estavam enfrentando as mesmas dificuldades.

Embora a visibilidade do tema na imprensa estrangeira e em algumas organizações ainda não esteja à altura da sua gravidade e urgência, esse espaço é ainda muito superior ao que tem sido observado no Brasil. Considerando o período de 12 meses, a raspagem resultou em um total de 59 matérias na Folha de S.Paulo e 66 n'O Globo, como pode ser observado na Tabela 3. Como já mencionado, a raspagem no buscador do acervo dos jornais traz todas as matérias nas quais aparecem uma ou mais palavras-chave – neste caso, "jornalistas", "saúde mental", "TEPT", "*moral injury*".

Tabela 3 – Parte III da pesquisa – Saúde mental e trabalho remoto: veículos, período e palavras-chave

Pesquisa saúde mental Parte III – de junho de 2021 a junho de 2022				
Dados da raspagem			Dados da mineração	
Veículo	Palavras-chave	Total	Palavras-chave	Total
Folha de S. Paulo	Jornalistas e saúde mental Jornalistas e TEPT Jornalistas e <i>moral injury</i>	59	jornalistas e saúde mental jornalistas e TEPT jornalistas e <i>moral injury</i> jornalistas, saúde mental e trabalho remoto jornalistas, saúde mental e <i>home office</i> jornalistas, saúde mental, <i>on-line</i>	2
	Jornalistas e saúde mental Jornalistas e TEPT Jornalistas e <i>moral injury</i>		jornalistas e saúde mental jornalistas e TEPT jornalistas e <i>moral injury</i> jornalistas, saúde mental e trabalho remoto jornalistas, saúde mental e <i>home office</i> jornalistas, saúde mental, <i>on-line</i>	

Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda que o gerenciamento dos riscos da pandemia viesse a desencadear ou potencializar outros riscos, altos e percebidos, como aqueles referentes à saúde mental dos jornalistas cobrindo a pandemia em redação *home office*, o tema foi ignorado ou subestimado pelos veículos estudados. Isso porque a mineração, por meio do *software* RStudio e repetida manualmente, resultou em apenas duas breves referências ao assunto, ambas na Folha de S.Paulo.

Nessas duas únicas menções a jornalistas e saúde mental, o tema foi tratado com brevidade e sem o cruzamento com o trabalho remoto. A primeira é a coluna de José Henrique Mariante, o *ombudsman* da Folha, intitulada Não existe piloto automático. O texto não tem qualquer relação com o tema desta pesquisa, mas tanto na raspagem quanto na mineração ele aparece porque o *ombudsman* na *hashtag* Twitterless faz uma referência à decisão do jornal The New York Times de que seus jornalistas se mantivessem longe do Twitter: “Entre as razões, tempo e saúde mental. É o contrário do que pregou em 2014, quando iniciou sua revolução digital e pediu que todos se atirassem às redes. Se a moda pega por aqui, vai ter muita gente sem saber o que fazer para apurar uma notícia” (MARIANTE, 2022).

Nesse trecho, como pode ser visto na Figura 1, há um *hiperlink* para o que poderia ser uma notícia sobre a decisão do The New York Times, mas é um breve artigo publicado na ‘Toda Mídia’, do jornalista Nelson de Sá, em 8 de abril de 2022 (SÁ, 2022). O texto, de apenas três parágrafos, não aborda o tema da saúde mental, uma das justificativas do NYT para tentar conscientizar sua equipe de se afastar do Twitter. O foco do colunista foi no tempo perdido, no teor e na qualidade dos tuites dos jornalistas do periódico estadunidense.



Figura 1 – *Print* da coluna do ombudsman que menciona o termo saúde mental
Fonte: Folha de S.Paulo (MARIANTE, 2022).

A segunda matéria diz respeito à divulgação do curso Jornalistas e saúde mental: como encontrar o equilíbrio, publicada no dia 30 de maio de 2022, no *blog* Novo em Folha (FOLHA DE S.PAULO, 2022), espaço do jornal destinado à divulgação de programas de treinamento. O texto é breve, não traz nenhuma fala dos organizadores do curso nem da programação, como pode ser visto na figura a seguir.



Figura 2 – *Print* da matéria publicada na Folha de S. Paulo divulgando um curso sobre saúde mental de jornalistas
Fonte: Folha de S.Paulo (2022).

Na imagem, a expressão em azul ‘Saúde mental’ é um *hiperlink*. Ao acessá-lo, o leitor é levado para o artigo A saúde mental do país às escuras, assinado por quatro pesquisadoras da área, e publicado em 15 de abril de 2022 no *blog* “Saúde em público – Políticas de saúde no Brasil em debate”, hospedado no portal

do jornal (ROSA *et al.*, 2022). O artigo não tem relação direta com o tema do curso, mas com as políticas governamentais na área de saúde mental.

Com base nos resultados das três etapas da pesquisa relacionadas à análise de conteúdo de base quantitativa, foi possível constatar que, embora o tema da saúde mental estivesse presente nos dois veículos, incluindo sua correlação com o trabalho, com a educação e com outras atividades no modo remoto, apenas duas breves referências foram feitas à saúde mental dos jornalistas, nenhuma delas como pauta do próprio veículo.

A invisibilidade ou opacidade midiática do tema, na perspectiva da comunicação de riscos, adia o gerenciamento desses riscos, que, ao serem diferidos no tempo, tendem a ser ainda mais subestimados ou não percebidos. Significa dizer que, mesmo durante a pandemia, quando a sobreposição e o desencadeamento de riscos já eram uma realidade, a saúde mental dos jornalistas não foi ainda descortinada.

CONSIDERAÇÕES

O aporte teórico no campo da ciência dos riscos, especialmente da comunicação de riscos, pode ser um dos caminhos para fomentar o entendimento de que os riscos apresentam uma natureza que, embora dinâmica e indissociável do contexto social e de seus marcadores, pode ser compreendida e, assim, tornar-se o norte para o enfrentamento desses riscos.

No caso específico da saúde mental de jornalistas, essa natureza começou a ser desenhada no momento em que a preocupação com a segurança dos jornalistas, na cobertura da covid-19, ganhou destaque nos veículos, que, inclusive, chegaram a fazer publicidade das medidas por eles adotadas, como as redações físicas vazias e temporariamente fechadas. Alguns veículos, a exemplo do estadunidense *The New York Times*, passaram a mostrar como as matérias estavam sendo produzidas por meio remoto, com os jornalistas de suas casas entrevistando suas fontes com uso de plataformas como Zoom e Google Meet.

Algumas dezenas dessas matérias focaram na saúde mental de profissionais da chamada linha de frente, como médicos, enfermeiros, auxiliares e outros trabalhadores da área da saúde. Do mesmo modo, cobriram os impactos à saúde mental de uma população que teve de se isolar e trazer para o âmbito privado, para dentro de suas casas, todas as suas atividades, como trabalho, educação e lazer. Aqui, observa-se um dos traços da natureza dos riscos, muito estudado no campo da percepção. Quanto mais próximas dos riscos estiverem as fontes, maior será a dificuldade de perceberem sua exposição a eles. Do mesmo modo, essa exposição tende a se confundir com a convivência com o risco, e, esta, por sua vez, com sua naturalidade ou normalidade. Ao cobrirem a pandemia, os jornalistas ouviram os relatos de suas fontes, pautados pelo sofrimento relacionado às sequelas da covid-19, passando pela perda de familiares e amigos, pelo desemprego, pelas angústias das incertezas trazidas pela pandemia e pela fome.

Nesse cenário, os jornalistas testemunharam o sofrimento em larga escala, decorrente de episódios que feriam a sua própria bússola moral, como visto no trabalho de Feinstein. Há a hipótese, que deve mover pesquisas futuras, de que ao trabalharem remotamente, os jornalistas, assim como seus empregadores, tinham a percepção de estarem em segurança, não só física, como emocional e psicológica. Conforme discutido anteriormente, a exposição ao conteúdo da internet, somada ao trabalho isolado – longe do movimento e da interação típicos das redações, por mais enxutas que sejam –, criou um outro risco, que não foi percebido ou foi voluntariamente subestimado.

A primeira tese, a do risco não percebido, refere-se à ideia amparada em estudos de Sandman e Slovic de que quando o indivíduo convive com os riscos a tendência é pensar que eles estão sob controle e que nada acontecerá. Os jornalistas se sentiam mais seguros do ponto de vista do risco de infecção, mas podem não ter se dado conta dos riscos associados ao trabalho remoto, como a exaustão física e mental apontada no estudo conduzido por Figaro. O mesmo se deu no contexto da plataformização, uma vez que os riscos

foram e seguem sendo subestimados, sobretudo os decorrentes da superexposição dos jornalistas nas mídias sociais, não por vontade de estar lá, mas pelo redesenho da produção e do consumo de notícias. Como observado anteriormente, os jornalistas se sentem obrigados a estar nas plataformas das mídias sociais para dialogar com suas fontes, para encontrar as pautas, compartilhar as suas matérias e alcançar a visibilidade que garantirá seu emprego frente à lógica regida pelo processo de plataformização do trabalho jornalístico.

A segunda tese pode ter relação com os interesses por trás do recurso de subestimar riscos que foram percebidos como altos. Como nos estudos de Slovic, subestimar um risco pode ser uma estratégia para que os processos de gerenciamento e tomada de decisões acerca desse risco não causem danos às fontes a eles expostas. Significa dizer que os jornalistas, assim como a primeira repórter de guerra ouvida por Feinstein, podem ter ignorado ou subestimado os riscos aos quais estavam expostos com o receio de perderem seus postos de trabalho.

Novas evidências científicas no campo da saúde mental de jornalistas só poderão ser levantadas em pesquisas futuras, como a que compõe o projeto de grande abrangência da qual esta pesquisadora faz parte. Nessas novas abordagens, é necessária a adoção de protocolos dos campos da psiquiatria e da psicologia, devidamente elaborados por pesquisadores da área e submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

A hipótese primária para este artigo, amparada na ideia de que o tema da saúde mental de jornalistas, especialmente em trabalho remoto, precisa ser descortinado, foi confirmada por meio da análise de conteúdo quantitativa. Os resultados evidenciaram que o tema ainda não é pauta na imprensa brasileira, mesmo na perspectiva da ciência dos riscos e no contexto de uma pandemia.

Quanto ao objetivo de que a comunicação de risco pode contribuir para descortinar o tema e, assim, contribuir para o seu enfrentamento, observa-se que o aporte teórico na área e a análise de conteúdo deixaram pistas importantes sobre as potencialidades da comunicação de riscos não apenas para reduzir e gerenciar os riscos à saúde mental dos jornalistas, como para a adaptação desses profissionais aos cenários de riscos que a transição das redações físicas para o formato híbrido pode ocasionar.

A comunicação de riscos não é uma ferramenta, tampouco uma mera transmissão de informações pela imprensa acerca de determinados riscos. Ela é reconhecida, embora pouco aplicada, como parte indissociável do gerenciamento dos riscos, do momento em que são (ou não) percebidos, passando pela avaliação, pelo gerenciamento e pela tomada de decisões. É ela que descortina os riscos e convida os diversos setores da sociedade a debatê-los de maneira transparente e participativa.

Assim, nas pesquisas futuras, será necessário investigar mais a fundo como os outros setores direta ou indiretamente relacionados com o objeto de estudo deste artigo, como a academia, especialmente as escolas de jornalismo e os pesquisadores da área, e as entidades de classe, como os sindicatos dos jornalistas e a Fenaj, estão contemplando o tema da saúde mental de jornalistas, seja nas redações físicas, remotas ou híbridas, dos grandes veículos aos independentes, e, especialmente, no momento em que são percebidos e sentidos os impactos e desdobramentos da lógica da plataformização. O volume da produção de pesquisas sobre a conexão entre a saúde mental dos jornalistas e as condições de trabalho, ou seja, extrapolando a ideia de que o problema é exclusivamente o conteúdo daquilo que o jornalista presencia e cobre, ainda é desproporcional aos riscos que o atual cenário sinaliza.

Até lá, o jornalismo brasileiro precisará de uma Olivia Messer para dizer que a saúde mental dos jornalistas no país não está bem, nada bem, e de uma Emma Chamberlain, fenômeno no YouTube, para assumir a exaustão do trabalho e da lógica das plataformas.

REFERÊNCIAS

- BESSEY, Kyle. How social media impacts mental health in journalists. **Journalism.co.uk**, Brighton, 24 jul. 2019. News. Disponível em: <https://www.journalism.co.uk/news/how-social-media-impacts-mental-health-in-journalists/s2/a742158/>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- BRADLEY, Declan T.; MCFARLAND, Marie; CLARKE, Mike. The effectiveness of disaster risk communication: a systematic review of intervention studies. In: KAPUR, Girish Bobby; BEZEK, Sarah; DYAL, Jonathan (ed.). **Effective communication during disasters: making use of technology, media, and human resources**. Palm Bay: Apple Academic Press, 2016. p. 81-120.
- DAVIES, Jessica. 'It's a silent epidemic': mental health in newsrooms needs more attention. **Worklife**, [s. l.], 7 dez. 2020. Culture. Disponível em: <https://www.worklife.news/culture/mental-health-in-newsrooms-needs-more-attention/>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DUARTE, Jorge; RIVOIRE, Valéria; RIBEIRO, Ângelo A. Mídias sociais *on-line* e prática jornalística: um estudo em Santa Catarina. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, Brasília, DF, v. 13, n. 1, p. 1-10, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/3854/3137>. Acesso em: 4 nov. 2022.
- FEINSTEIN, Anthony; SELVA, Meera. Journalists under pressure – the emotional toll of covering crises. **Reuters Institute for the Study of Journalism**, Oxford, 27 maio 2020. Webinar. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/calendar/journalists-under-pressure-emotional-toll-covering-crises>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- FEINSTEIN, Anthony; STORM, Hannah. **The emotional toll on journalists covering the refugee crisis**. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2017. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2021-02/Storm%20and%20Feinstein%20-%20Emotional%20Toll.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2021.
- FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (FENAJ). Pesquisa FIJ: 61,25% dos jornalistas brasileiros têm aumento de ansiedade e estresse com o trabalho na pandemia. **Notícias FENAJ**, Brasília, DF, 4 jun. 2020. Disponível em: <https://fenaj.org.br/pesquisa-fij-6125-dos-jornalistas-brasileiros-tem-aumento-de-ansiedade-e-estresse-com-o-trabalho-na-pandemia/>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- FIGARO, Roseli (coord.). **Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de covid-19... 1 ano e 500 mil mortes depois**. São Paulo: ECA-USP, 2021. Relatório de Pesquisa. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp-content/uploads/Covid-19-segunda-fase-relat%C3%B3rio-2021.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- FOLHA DE S.PAULO. Curso gratuito de saúde mental para jornalistas está com inscrições abertas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 maio 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/novo-em-folha/2022/05/curso-gratuito-de-saude-mental-para-jornalistas-esta-com-inscricoes-abertas.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2022.
- GIOVANNI, Janine. On Moral Injury. Can a new diagnosis help heal our souls? Harper's Magazine. August 2020. Disponível em: <https://harpers.org/archive/2020/08/on-moral-injury-ptsd/>. Acesso em: 5 nov. 2022.
- GROHMANN, Rafael. Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal. **Revista Eptic**, v. 22, n. 1, p. 106-122, jan.-abr. 2020. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/epitic/article/view/12188/10214>. Acesso em: 2 nov. 2022.
- HELOANI, José Roberto. **Mudanças no mundo do trabalho e impactos na qualidade de vida do jornalista**. [São Paulo]: FGV. 2003. Relatório de Pesquisa n. 12. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/3098>. Acesso em: 20 set. 2022.
- HENRIQUES, Martha. Coronavírus: como convencer seus familiares que a quarentena é necessária. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 18 abr. 2020. Coronavirus. Originalmente publicado na BBC News Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibriosade/2020/04/coronavirus-como-convencer-seus-familiares-de-que-a-quarentena-e-necessaria.shtml>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- INTERNATIONAL FEDERATION OF JOURNALISTS (ITJ). Exposed: the crisis facing journalism in the face of covid-19. **ITJ**, Bruxelas, 30 abril 2020. News and press releases. Disponível em: <https://www.ifj.org/media-centre/news/detail/category/press-releases/article/exposed-the-crisis-facing-journalism-in-the-face-of-covid-19.html>. Acesso em: 30 jan. 2023.

LELO, Thales Vilela. O sofrimento ético no mundo do trabalho dos jornalistas. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 23, p. 1-20, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1843>. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1843>. Acesso em: 20 set. 2022.

LYCARIÃO, Diógenes; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília, DF: Enap, 2021.

MARIANTE, José Henrique. Não existe piloto automático. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 9 abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jose-henrique-mariante-ombudsman/2022/04/nao-existe-piloto-automatico.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MARIO, Camila de. Por que só vacinar não resolve: a ansiedade pela normalidade sem volt. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 1 maio 2021. Coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/latinoamerica21/2021/05/por-que-so-vacinar-nao-resolve-a-ansiedade-pela-normalidade-sem-volta.shtml>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MARTINS, Elisa. SP vai unificar rastreamento de pessoas que tiveram contato com infectados por coronavírus. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 jul. 2020. Saúde. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/coronavirus/sp-vai-unificar-rastreamento-de-pessoas-que-tiveram-contato-com-infectados-por-coronavirus-24523758>. Acesso em: 10 abr. 2022.

MESSER, Olivia. The covid reporters are not okay. Extremely not okay. **Study Hall**, Nova York, 6 maio 2021. Features. Disponível em: <https://studyhall.xyz/the-reporters-are-not-okay-extremely-not-okay/>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MOURA, Guadalupe Marcondes de. A comunicação como instrumento para reafirmar a vida ou desencadear a morte. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 24 jun. 2021. Gestão, Política & Sociedade. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/a-comunicacao-como-instrumento-para-reafirmar-a-vida-ou-desencadear-a-morte/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

OSMANN Jonas; SELVA, Meera; FEINSTEIN, Anthony. How have journalists been affected psychologically by their coverage of the covid-19 pandemic? A descriptive study of two international news organisations. **BMJ Open**, Londres, v. 11, n. 7, p. 1-9, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2020-045675>. Disponível em: <https://bmjopen.bmj.com/content/11/7/e045675>. Acesso em: 10 abr. 2022.

PRESS EMBLEM CAMPAIGN (PEC). **Countries with the most covid-19 related journalist deaths**. Genebra: PEC, 2022. Disponível em: <https://presseblem.ch/-1.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; DUFFY, Brooke Erin. **Platforms and cultural production**. Cambridge: Polity Press, 2022.

POELL, Thomas; NIEBORG, David; VAN DIJCK, José. Plataformização. Tradução: Rafael Grohmann. **Fronteiras – Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 22, n. 1, p. 2-10, jan.-abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4013/fem.2020.221.01>. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01/60747734>. Acesso em: 2 nov. 2022.

PROTIVITI; RMA. Risk culture from theory to evolving practice. **The Risk Management Association Journal**, [Filadélfia], p. 24-26, dez. 2013-jun. 2014. Enterprise Risk. Disponível em: https://rmajournal.org/rmajournal/december_2013-january_2014/MobilePagedArticle.action?articleId=1309636#articleId1309636. Acesso em: 15 maio 2022.

ROSA, Dayana *et al.* A saúde mental do país às escuras. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 15 abr. 2022. Saúde em público – Políticas de saúde no Brasil em debate. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/saude-em-publico/2022/04/a-saude-mental-do-pais-as-escuras.shtml>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SÁ, Nelson de. New York Times apoia que seus jornalistas ‘se afaste’ do Twitter. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 8 abr.2022. Toda Mídia. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2022/04/new-york-times-apoia-que-seus-jornalistas-se-afastem-do-twitter.shtml>. Acesso em 9 jun. 2022.

SANDMAN, Peter M. Trust the public with more of the truth: what I learned in 40 years in risk communication. **The Peter Sandman Risk Communication Website**, Nova York, 2 jan. 2010. Texto apresentado durante a 2009 Berreth Lecture, na National Public Health Information Coalition, em 20 de outubro de 2009. Disponível em: <http://www.psandman.com/articles/berreth.htm>. Acesso em: 23 jun. 2015.

SLOVIC, Paul. Perceived risk, trust, and democracy. **Risk Analysis**, McLean, v. 13, n. 6, p. 675-682, 1993. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1539-6924.1993.tb01329.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1539-6924.1993.tb01329.x>. Acesso em: 15 maio 2022.

STERN, Paul C.; FINEBERG, Harvey V. (ed.). **Understanding risk: informing decision in a democratic society**. Washington, DC: National Academy Press, 1996.

VICTOR, Cilene. Diálogo nos cenários de riscos de desastres. *In*: KÜNSCH, Dimas *et al.* (org.). **Comunicação, diálogo e compreensão**. São Paulo: Plêiade, 2014. p. 179-192.

VICTOR, Cilene. Jornalistas e a lesão moral na pandemia: comunicação de riscos antes do jornalismo humanitário e de paz. *In*: VICTOR, Cilene; SOUSA, Cidoval Morais. **A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação**. Campina Grande: EDUEPB, 2021. p. 293-331.

VICTOR, Cilene. A opacidade do sofrimento humano decorrente de desastres sob a perspectiva do jornalismo humanitário. **Folios**, Medellín, n. 40, p. 97-109, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/folios/article/view/338479>. Acesso em: 6 fev. 2023.

VOCES DEL SUR (VDS). **Jornalismo em tempos de covid-19: autoritarismo, desinformação e precariedade na América Latina no ano de 2020**. [S. l.]: Voces del Sur, 2020. Disponível em: https://abraj-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/630e05ae-deba-47f3-a6e5-71d1915ad7c7/Relato_rio_Sombra_02.pdf. Acesso em: 6 fev. 2023.

WOOD, David. **What have we done: the moral injury of our longest wars**. Nova York: Little, Brown and Company, 2016.